

## FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL  
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.PUBLISHER: Luís Fria  
DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Dávila  
SUPERINTENDENTES: Carlos Figueira de Leon e Jádila Brito  
CONSELHO EDITORIAL: Fernando Diamant, Hélio Schwartzman, José Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pessôa Aribó, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luis Fria e Sérgio Dávila (secretário)  
DIRETOR DE OPINIÃO: Gustavo Faria  
DIRETORIA EXECUTIVA: Alexandre Bonazco (financeiro, planejamento e novas negócios), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benes (comercial)

## EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## Assédio à Vale

Lula recua na ofensiva por Mantega, mas pior é o impulso de intervir na gestão de empresa privada

O governo Lula iniciou Lula da Silva (PT) encenou um recuo em sua pretensão absurda de conduzir o ex-ministro Guido Mantega a um cargo na cúpula da Vale, mas não se deve crer que cessarão as pressões do Planalto sobre a mineradora privatizada em 1997.

Mesmo sem declarações explícitas das autoridades, o movimento governista pelo nome de Mantega foi conduzido sem segredo nas últimas semanas e derrubou o valor de mercado da empresa. Na sexta-feira (26), diante da resistência de acionistas e críticas na sociedade, Brasília fez saber que a ideia incorreta seria deixada de lado.

Por menor que pareça, a hipótese não ruim para a motivação de Lula é a recusa em reconhecer os fracassos, a má gestão e os casos comprovados de corrupção ocorridos nas gestões petistas anteriores —além do objetivo de reconhecer pessoas que lhe foram fiéis nos seus piores momentos.

Para tanto, não importam competência ou lisura, nem as necessidades atuais do país.

No caso de Mantega, não deve haver dúvida de que o histórico é ruim. Como ministro, ele teve papel na degradação da política econômica que culminou, no mandato de Dilma Rousseff (PT), em uma das mais profundas recessões já documentadas nos países.

Não há nenhuma injustiça nessa avaliação, como que fazer crer a

presidente do PT, Gleisi Hoffmann, que saiu em apoio ao ex-titular da Fazenda. Em sua defesa, no máximo se pode dizer que não tinha autoridade suficiente para influenciar os desfechos da ex-presidente. Mais grave e temerária, porém, é a rigidez ideológica de Lula e de seu partido, que continuam presos a concepções amarrônicas. Não olham para frente e buscam rescrever um passado de sucessas glórias, como se a economia e a sociedade brasileira não tivessem evoluído e as necessidades atuais não fossem diferentes.

No caso da Vale há reincidência de Lula, que nos mandatos anteriores criticou a empresa por investimentos fora do Brasil e pela aquisição de bens de capital, como navios, de fornecedores estrangeiros. Já naquela época a mineradora não era estatal, mas o governo tinha influência em sua gestão pela participação de fundos de pensão do capital e alinhamento prévio no voto de acionistas de peso.

Hoje nem isso existe, felizmente —o capital é mais diluído, não há um bloco de controle e o conselho é independente.

Mas Lula insiste em suas teses passadistas, quando faria melhor em se preocupar com o Orçamento e medidas que atraíssem investimentos. Deveria ser desnecessário apontar o despatulheiro de um governo buscando interferir na gestão de uma companhia privada.

## Hora do juízo

Capaz de retroceder, relógio fictício criado por cientistas aponta 90 segundos para fim do mundo

Em 1947, dois anos após as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, cientistas envolvidos na criação dessas armas de destruição em massa lançaram ideia criativa: um relógio fictício para marcar quanto tempo falta para o fim do mundo. Hoje, os ponteiros indicam 90 segundos para o Juízo Final, a pior situação em 77 anos.

A estimativa resulta de uma avaliação do contexto global feita pelo Conselho de Ciência e Segurança da organização Boletim de Cientistas Atômicos, fundada em 1945 por Albert Einstein e J. Robert Oppenheimer, entre outros.

Os ponteiros não se movem em 2024, embora a análise do grupo tenha delineado que a situação do planeta piorou em relação a 2023. A guerra na Ucrânia, com risco de uso de armas nucleares pela Rússia, completou dois anos e não dá sinais de arrefecer. Bombas atômicas, ainda que não ficassem sem resposta da Otan.

Outra contigação veio agravar a possibilidade de um conflito amplo: a de Israel contra o Hamas, que perpetrou o ataque terrorista contra de civis israelenses em 7 de outubro. A retaliação impedida na faixa de Gaza pode arastar nações do Oriente Médio.

Preocupa o envolvimento do Irã

e seu programa de enriquecimento de urânio. E não se descarta uma corrida armamentista, em especial com Rússia e EUA a discordar sobre tratados de controle nuclear.

O boletim aponta ainda a mudança de patamar na crise do clima, com 2023 alcançando a marca de ano mais quente já registrado —pior, sem indicações de que governos comecem a dar passos mais decididos para contrarrestar o aquecimento global.

Assinala uma boa notícia com o investimento de US\$ 17 trilhões em energia limpa no ano passado. Contudo ressalva que se destinou outro US\$ 1 trilhão para combustíveis fósseis, cuja quinta sequência em alta, quando precisaria retroceder 43% nos próximos seis anos.

Outro perigo arrolado é o avanço de técnicas de manipulação genética, que podem servir a armas biológicas e gerar novas pandemias. Por fim, indica a inteligência artificial, por seu potencial para disseminar desinformação e assim erodir a governança capaz de administrar crises, além do potencial uso militar de armas autônomas, alheias a controle humano.

Se há algo a propiciar alento, o Relógio do Juízo Final é capaz de retroceder, como já fez em outros momentos da história.



## Gerindo a incerteza

Hélio Schwartzman

"Incerteza, um Ensaio", de Eugénio Bucci, é um livro ao mesmo tempo despretensioso e profundo. O autor começa recapitulando ideias da física sobre incerteza e entropia, passa pela teoria da informação de Claude Shannon, e mostra como o mundo moderno, em especial a esfera digital, se tornou um campo de batalha pelo controle da incerteza. As big techs se garantem como monopólios porque são capazes de se apropriar da incerteza e geri-la.

Antes de seguir, devo assinalar que Bucci é meu amigo, o que me torna automaticamente meio suspeito para comentar seu livro. O leitor que aplique os descontos que julgar necessários.

Tudo no livro é muito didático e bem argumentado. Faço, contudo, ressaltar a algumas das conclusões do autor e também a ver com uma diferença de perspectivas. Bucci é mais marxista do que eu e isso faz com que ele veja as relações de mercado como um jogo de soma zero, no qual o lucro de um é o prejuízo do outro. Minha matemática é diferente. Acho que ocorre

tem também muitas interações de soma positiva nas quais as duas partes ganham com a transação.

Um exemplo? Circula na internet um vídeo genial em que Andy George faz um sanduiche de frango "do ovo", isto é, produzindo ele próprio os ingredientes. Resumindo, entre plantar o trigo para fazer o pão e viajar ao literal para extrair sal da água do mar, de leva seis meses e gasta US\$ 1,500 (R\$ 7,384). São os mecanismos de mercado que fazem com que os ganhos da especialização do trabalho sejam distribuídos pela sociedade.

Não é suficiente para tornar o capitalismo uma força benígna, mas é o que basta para compor um quadro complexo, com boas e más. Concordo com a maior parte das conclusões de Bucci, que pinta as big techs como entidades autoritárias que promovem ativamente a ignorância para lucrar. Precisamos regular melhor a gestão das incertezas. Como fazê-lo, porém, permanece para mim algo bastante incerto.

hswartz@uol.com.br

## Uma bronca por semana

Bruno Boghossian

Lula começou o ano ao ritmo de uma grande bronca por semana em sua equipe. Em reuniões recentes, ele reclamou da demora na retirada de garrinheiros do território yanomami, passou um sábado em ministérios por erros nas negociações da energia de Itaipu e repreendeu auxiliares que prepararam o novo plano do governo para a indústria.

O petista já admitiu que é um presidente mais analítico do que mandatário. Passou 2023 dizendo que tinha pressa para entregar resultados e que o tempo de governo era curto. Mas as reprimendas de Lula têm menos a ver com seus humores e mais com falhas coletivas do primeiro escalão. A crise yanomami voltou porque o governo deu o assunto por resolvido antes da hora. A expulsão de garrinheiros do território durou pouco, revelando tropeços num tema sensível para a gestão petista. No dia 9, ao determinar uma ação permanente na região, Lula se queixou: "Não é possível que a gente possa perder uma guerra para o garimpo ilegal".

No caso de Itaipu, tudo indica que

a lambança se deu por despreparo. Lula repreendeu os ministros Fernando Haddad e Mauro Vieira após chegar desprevenido a uma reunião em que o presidente do Paraguai cobrou um aumento de preços da energia da usina. A falta deu vantagem aos vizinhos nas negociações e ainda pode custar caro ao Brasil.

O presidente também criou incerteza com sua equívoca minuto antes de descer a rampa interna do Planalto para lançar o programa Nova Indústria Brasil. Reclamou que o país não tinha metas objetivas ou prazos para o cumprimento das medidas. Ao discursar no evento, ele reconheceu o problema: "Nós tivemos uma reunião ruim sobre coisas boas".

Em março de 2023, Lula havia passado uma desconpostura pública em auxiliares que, em suas palavras, anunciavam "genialidades" sem combinar com o restante do governo. O estopim era o programa de passageiros aéreas a R\$ 100, que deve ser lançado oficialmente quase um ano depois. Talvez Lula precise dar mais broncas em seus ministros.

## De noite, na cama

Ruy Castro

Há pouco, escrevi aqui que, nos anos 1920, enquanto a noite do Rio se estendia até o nascer do sol, o resto do país estava dormindo de touca e camisola. Leitores estranharam a camisola —os homens ainda a usavam naquela época? Sim, e tenho provas.

Em sua biografia, o jornalista Austregésilo de Athayde conta que, em outubro de 1930, a poucas horas da chegada dos insurretos ao Rio para depor o presidente Washington Luiz —e apesar da possibilidade de resistência das tropas federais—, Assis Chateaubriand, já magnata da imprensa, estava tão certo da vitória que, brincando, vestiu sua camisola e disse ao amigo que ia tirar uma soneca. E que, se Austregésilo também quisesse dar um cochilo, pegasse uma camisola no armário, o que ele fez. Bem, se Assis Chateaubriand e Austregésilo de Athayde dormiam de camisola em 1930, explica-se por que o Gordo e o Magro sempre apareciam de camisola em suas corridas e mais pretas.

A verdade é que o pijama, embo-

ra já existisse, ainda não se firmava como o traje masculino de dormir. Isso significa que podemos imaginar os grandes machões do começo do século se enfiando uma camisola pela cabeça antes de ir para o berço. Alguns.

O marechal Floriano Peixoto, que, tanto no Exército quanto na Presidência, teria suas camisas penduradas ao lado das fardas. O ministro Rui Barbosa, que devia guardar as suas na gaveta de lençóis. Luiz Carlos Prestes, o "Cavaleiro da Esperança", cuja barba preta às vezes se enfiava na gola da camisola. Friederich, primeiro ídolo do nosso futebol. O dia Washington Luiz, famoso pela frase "Comigo é na medida!" para se jactar de suas façanhas. Seu afilhado de casamento Oswald de Andrade. O feroz Lampião, ao lado de Maria Bonita, ao pé das camisas de camisa em 1930, depois de tirar as bombachas.

Todos dormiam de camisola. Que lhes ficava bem, pois as cuecas brancas e mais pretas.

## Polos sem

geografia

Muniz Sodré

Professora emérita da UFPA, autora entre outros, de "Pensar Negro" e "Fúncion de Gê" (Fora de Imagem)

A polarização política que inquietava especialistas por sua persistência não é o mesmo fenômeno da polarização social. Faz diferença a dimensão da esfera, em que episódios de vida são mais reveladores do que conceitos. Assim, um indivíduo cometo do momento de "pacificação" decide aproximar-se do vizinho percebido como pacato, respeitoso, mas de quem se diz votar no lado violento. Na atabalhada da piscina condominial, aborrido o contato, a resposta é tranquila: "Sim, sou bobocarioca, mas do bem". Acrescenta: "Isso existe".

O fato é real, recente, ao pé da letra. Vale cotê-lo com um outro, relativo ao zap-grupo, também declaradamente bolsonarista, de uma mesma profissão pública. Um deles posta uma mensagem segundo a qual importante figura da República teria sido flagrada com cocaína. Ninguém acredita, porém. Não é verossímil para o perfil em questão. Depois de alguma ponderação, o autor admite ser fofoca. Arremata: "Mas daria uma excelente fake news".

Os episódios estão ligados por um grau peculiar de complexidade. O primeiro, bem-sucedido, a singularidade da confirmação, é ao mesmo tempo contundente pela admissão lógica de que tralga numa esfera oposta ao bem, mas com excepcional seriedade. O segundo parte de autodeclarados liberais econômicos, respeitáveis em público, porém com incoerência malignidade em seu caldeirão privado de veneno emocional: um bunker de linchadores virtuais.

É provável que o wokismo, transformado em terrorismo intelectual do politicamente correto, gere um ressentimento exasperado em frações de classe de leitores escassas, passageiros de ego-trips. Confundindo com política o avanço de um novo tipo de controle social por normatizações moralizadoras, abrem-se à fascização das redes. Haverá quem possa se expressar em termos racionais. Mas o grau vertiginoso da fake news consiste em surfar na onda irrefletida da ignorância e do labescamento.

Apesar de voto implícito, não é mesmo de política que se trata. Eletoralismo é chato e afere-se do corpo social, problema de saúde cívica. Não faz sentido ser bolsonarista, é como dizer "eu sou o que já era". Ou seja, jornal de ontem, agarrado a nome como um balão murcha, resto de uma festa (da Selma?) que deu chabu. Senão, identidade de bolha, fixada num polo sem geografia humana. Daí uma cósmica primitiva, pré-política, aparentemente inconsequente.

Mas cada indivíduo é um minúsculo múltiplo comum: um emulsi. O vizinho pode acreditar politizado a outra espécie humana, aspirante a algo ausente no horizonte social. Afinal, o próprio governo acaba de anunciar um plano de industrialização com metas "aspiracionais", sabe-se lá o que seja isso. É o zap-grupo, entubado na máquina da mentiragem diário-cual.

entubado na máquina da mentiragem diário-cual.